

Pedido nos EUA: menos juros para o Brasil.

O aumento das taxas de juros norte-americanas — e seus efeitos sobre o balanço de pagamentos de países altamente endividados, como o Brasil — está preocupando o sistema financeiro internacional. Isso ficou claro no editorial publicado ontem pelo jornal *The Washington Post*, sob o título "O Brasil e as dívidas". Nele, o jornal norte-americano sugere ao FMI e aos bancos comerciais que considerem novas alternativas para reduzir o pagamento de juros pelo Brasil, até que a recuperação e revitalização de seu comércio de exportação se desenvolvam mais.

Além disso, fontes do próprio FMI afirmaram ontem que o Fundo está preocupado, porque as crescentes taxas de juros dos EUA podem destruir a frágil ordem financeira internacional que se conseguiu restabelecer nos últimos meses. Os funcionários da instituição reconhecem que a crise global ainda está longe de ser superada, mas consideram que os acordos negociados no último ano conseguiram impedir um aumento dos problemas enfrentados pelos países devedores.

Tensão

Segundo o editorial do *Washington Post*, "está aumentando a tensão entre os devedores

res latino-americanos e seus credores. Há forte inclinação em Washington a presumir que tudo sairá bem com o tempo, à medida que a recuperação econômica mundial aumente as exportações e a capacidade de pagar da América Latina. Talvez ocorra isso, mas há cada vez mais razão para pensar que não acontecerá logo o bastante para evitar as temidas pressões políticas sobre os governos latinos. O caso mais elucidativo — é certamente o mais importante — é o Brasil".

— Para evitar incorrer em inadimplência em suas gigantescas dívidas — prossegue o jornal norte-americano — o Brasil vem negociando um empréstimo com o FMI. Mas as negociações têm sido difíceis e o acordo provisório da semana passada não tem a probabilidade de ser aceito formalmente pelo FMI antes de outubro. Enquanto isso, no Brasil, há crescente discussão em torno de uma moratória sobre os pagamentos da dívida.

The Washington Post lembra que o FMI, "quando concede um empréstimo, fixa — adequada e necessariamente — condições que requerem do tomador o equilíbrio de sua economia. A questão é até que ponto ir. O Brasil tem indexado os salários à taxa de inflação — essa é sempre uma fórmula para criar problemas, mas era um costume esta-

O pedido está no editorial de um dos mais importantes jornais dos EUA, o *The Washington Post*: os bancos devem procurar formas de reduzir os juros para o Brasil. E o FMI também se diz preocupado com esse problema.

belecido. O governo agora determinou que a indexação só irá cobrir 80% dos salários. Num país em que a taxa inflacionária está na faixa dos 150% ao ano essa é uma medida amargamente impopular. O FMI também acredita que o governo precisa atacar diretamente os gastos e a política monetária para fazer baixar essa tremenda taxa inflacionária. É um bom conselho e, numa economia

mundial perfeitamente estável, não haveria muita dúvida sobre a capacidade de o Brasil adotá-lo".

Reação política

— Infelizmente — adverte o jornal — a estabilidade está em baixa e as taxas de juros vêm subindo à medida que se inicia a recuperação. Pelo fato de a maior parte da dívida do Brasil ser financiada a taxas oscilantes, o efeito desta alta sobre os compromissos externos do País é imediato. Em contraste, os benefícios da recuperação para as exportações do Brasil, e sua capacidade de pagar, terão lugar muito mais lentamente.

O Brasil, segundo *The Washington Post*, "tem boas razões para evitar qualquer tipo de inadimplência ou moratória. Possui forte economia, se encontra num processo de rápida industrialização e, como os países avançados, requer acesso aos mercados mundiais. A inadimplência coloca em perigo toda a rede de crédito internacional da qual depende seu comércio. Mas, à medida que sobem as taxas de juros, chega um ponto em que o ajuste convencional e as políticas de repagamento não são mais realistas. A recente alta da taxa de juros talvez tenha agora levado o Brasil perto desse ponto".

— Assim — completa o editorial —, é hora de o FMI e os bancos comerciais considerarem as alternativas que poderiam reduzir os atuais pagamentos de juros, até que a recuperação mundial e o ressurgimento de seu comércio de exportação avancem mais. Qualquer acordo desse tipo teria de ser aceitável em ambos os lados — não pode ser imposto aos bancos. Mas seria infinitamente preferível que a iniciativa tenha lugar mais cedo, a partir de Washington e Nova York, do que mais tarde, a partir das capitais latinas encurraladas pela reação política ao fracasso econômico e ao fim das esperanças.

Preocupações semelhantes às do *Washington Post* foram manifestadas ontem por fontes do sistema financeiro dos EUA. "As coisas não poderiam ocorrer de maneira pior para a América Latina", disse uma delas. "Se as taxas de juros se elevarem muito, tudo o que foi feito pelo FMI poderá cair aos pedaços."

O temor dos banqueiros não se refere apenas ao aumento de custos provocado pela elevação das taxas, mas também às consequências dessa alta sobre a recuperação econômica dos países industrializados, que eles consideram necessária para ajudar os países devedores a recuperar seu equilíbrio.